

Süda**k**a Magazine

#0 / Maio 2026

Autoras e autores da Espanha e da América Latina



"Publicar sem muros. Publicar em cooperação."

Temas:

2. A editora
3. Lançamento: *"Cuando nacen las ausências"*
8. Biblioteca Klásica: **Rubén Darío – Azul**
12. Colaboração: **María Soledad Murúa – Hielo Amor**
14. Crítica literária por Jack Solo

Apresentamos a Südaka Editorial

Südaka Editorial (www.sudaka-editorial.com) nasce para preencher uma lacuna no mundo editorial, com foco especial nas novas vozes da América Latina e da Espanha.

As tendências atuais oferecem múltiplas possibilidades: da autoedição ao modelo de publicação mediante pagamento. No entanto, essas opções costumam dificultar o acesso real às livrarias.

Diante disso, propomos um **caminho intermediário**.

A **Südaka Editorial** abre novas possibilidades de publicação tanto para jovens quanto para veteranos criadores, sem que estes tenham que pagar pelos serviços de edição.

Também queremos nos fazer eco das novas tecnologias. Por isso, apostamos no sistema **POD (Print on Demand)**, sem renunciar a chegar diretamente às livrarias, promovendo nossos autores a nível local e internacional.

Para garantir isso, oferecemos uma **seleção rigorosa dos manuscritos** e, claro, uma **linha literária definida**.

Nosso propósito é editar novas vozes e reeditar aqueles que nos precederam; trabalhar na língua original e traduzir os escritos para outras línguas, principalmente europeias.

Através da difusão literária em vários idiomas, esperamos alcançar mais leitores e mais autores que queiram fazer chegar sua voz a vários países ao mesmo tempo.



(Foto: judiha-cuba)

Novo Lançamento

Cuando nacen las ausencias

Vicente de la Serna

ISBN: 9789403879994

489 páginas

€21,60



Cuando nacen las ausencias é um romance polifônico que entrelaça o Holocausto, as ditaduras latino-americanas e Gaza com o fascismo do século XXI. Uma viagem pela memória, pela dor e pela resistência. Seis finais abertos.

Crítica sobre Cuando nacen las ausencias

o novo romance de Vicente de la Serna

Uma aposta na totalidade

Cuando nacen las ausencias é um romance ambicioso. Seu autor, Vicente de la Serna, propõe nada menos que traçar um arco que vai do Holocausto a Gaza, das ditaduras latino-americanas ao fascismo do século XXI, e o faz através de uma constelação de personagens que abrangem três continentes e várias décadas. A aposta na totalidade — em abarcar tudo — é tanto a sua maior virtude quanto o seu risco mais evidente.

Numa época em que o romance tende ao íntimo, ao mínimo, à contenção, *Cuando nacen las ausencias* se inscreve numa tradição mais bem decimonônica: a do fresco social, a do romance que quer explicar o mundo. E o faz com uma energia narrativa que prende, embora às vezes se veja desbordada pela própria ambição.

O romance é construído como uma teia de tramas que se desenvolvem em paralelo: a do partidário judeu Bern na Segunda Guerra Mundial; a de seu filho Anton na Alemanha dividida; a dos ex-guerrilheiros chilenos e argentinos no presente; a do pintor Leo Tejada no exílio alemão; a da empresária Katja em Berlim; a da extrema-direita internacional em suas cúpulas secretas. A todas se soma uma trama de espionagem e uma reflexão sobre a manipulação religiosa.

A multiplicidade de personagens é, por momentos, avassaladora. No entanto, o autor consegue que cada um tenha voz própria e que suas histórias ressoem entre si. As conexões vão sendo reveladas com paciência, como numa partida de xadrez cujas peças se movem em diferentes tabuleiros até convergirem.

Bern é o personagem mais bem realizado. Seu arco atinge a maior densidade psicológica: culpa, memória, a impossibilidade de distinguir o inimigo real do perseguido imaginário. A figura do barqueiro que o acompanha ao longo da vida é um achado narrativo que dá ao romance uma dimensão quase mítica.



Foto: [Jan Huber](#)

As conexões (entre os personagens) vão sendo reveladas com paciência, como numa partida de xadrez cujas peças se movem em diferentes tabuleiros até convergirem

Os personagens da trama latino-americana — Miguel, Mariano, Cecilia, Leo — são os que sustentam o presente político do romance. Sua luta contra o fascismo que retorna é a linha que mais tensão e urgência aporta. No entanto, em alguns momentos a carga política se torna explícita e a narração cede passo ao manifesto, o que pode ser um excesso para certos leitores.

A trama da extrema-direita internacional, com suas cúpulas e conspirações, é a que se aproxima do tom da sátira. A cúpula de Madri e as cenas na casa de Tilo Weider (com as moscas, o gato e os mamilos) beiram o grotesco. Esse registro contrasta com a gravidade de outras linhas, mas tem sua própria eficácia: mostrar o ridículo do poder não o torna menos perigoso — talvez o torne mais sinistro.



Foto: [Jon Tyson](#)

Os finais abertos

A decisão de fechar o romance com seis finais alternativos é, sem dúvida, seu traço mais original. Cada final desenvolve uma das linhas do romance e oferece uma resolução (ou não resolução) possível. O leitor pode escolher seu próprio desfecho ou aceitar que todos são válidos, que todos ocorrem simultaneamente em algum universo paralelo.

Isso responde a uma concepção de história como algo não linear, que não se deixa capturar numa única narrativa. Num mundo onde o fascismo impõe sua versão única dos fatos, oferecer múltiplos finais é um ato de resistência.

O risco é que o leitor saia com a sensação de que nenhuma das histórias termina realmente. A aposta é deliberada, mas pode frustrar aqueles que buscam um fechamento mais convencional.

Estilo e linguagem

A prosa de De la Serna é herdeira da tradição latino-americana do realismo, mas com incursões no realismo sujo (as cenas de violência e sexo), na sátira política (a extrema-direita) e na reflexão filosófica (os diálogos de Bern com o barqueiro). O registro muda conforme a trama, o que dá variedade mas também certo desequilíbrio.

Os diálogos são o ponto forte. O autor manuseia com desenvoltura os registros coloquiais do espanhol chileno e argentino, e consegue que cada personagem tenha uma voz reconhecível. As discussões entre Mariano e Cecilia, entre Leo e Manríquez, entre os ex-guerrilheiros argentinos na reunião final, são autênticas e vibrantes.

O uso do itálico para os pensamentos é consistente, embora em algumas passagens se multiplique em excesso.

O ritmo é sustentado, com capítulos breves que mantêm a tensão.



Foto: [Renan Braz](#)

Inserção na tradição

Cuando nacen las ausencias se inscreve numa tradição de romance político latino-americano que vai de Mario Vargas Llosa (*A Festa do Bode, Conversa na Catedral*) a Roberto Bolaño ("2666", *Os Detetives Selvagens*). Como neles, há um olhar lúcido e desencantado sobre o poder, a violência e a história.

A estrutura de tramas múltiplas que convergem evoca também David Mitchell (*Cloud Atlas*) e a tradição do romance "sistema" que tenta abarcar a totalidade do real.

A figura do barqueiro, com suas reflexões sobre o tempo e a repetição do horror, lembra a prosa de Cioran, a quem o autor cita, e a tradição filosófica que atravessa o romance europeu do século XX.

Na representação do nazismo e de sua continuidade no presente, há ecos de Jonathan Littell (*As Benevolentes*) e da literatura do testemunho. Mas De la Serna não fica no documento; ele ficcionaliza com liberdade.

Cuando nacen las ausencias é um romance que vai gerar reações mistas. Sua aposta política é explícita, e isso lhe granjeará tanto leitores entusiasmados quanto detratores. Num contexto onde a polarização é a norma, um romance que se posiciona abertamente contra o fascismo e que estabelece um paralelo entre Holocausto e Gaza não deixará ninguém indiferente.

Sua principal fortaleza é sua ambição. Seu principal risco é a sobrecarga. O romance quer dizer demais, abarcar demais, e em algumas passagens a densidade de informação (política, histórica, filosófica) pesa sobre a narração. No entanto, o autor tem ofício para sustentar o conjunto, e os momentos mais íntimos — a confissão de Verônica a Miguel, a fuga de Eva, o relato de Bern sobre a décima morte — estão entre o melhor da literatura contemporânea em espanhol.

O romance tem futuro. Encontrará seu público entre aqueles que buscam literatura comprometida, não como panfleto, mas como investigação das feridas do presente. Sua leitura exige compromisso, mas o recompensa com um olhar complexo sobre a história que não se deixa enganar pelas promessas de um final feliz.

Cuando nacen las ausencias é um romance que incomoda. Incomoda por sua lucidez, por sua rejeição à neutralidade, por seu empenho em mostrar que o fascismo não é um fantasma do passado, mas uma realidade ativa.

Incomoda também por sua estrutura, por sua ambição, por seus seis finais abertos que se recusam a fechar a história.

Mas a literatura que incomoda é a que perdura. Não será unânime, mas será lembrada. E seus melhores personagens — Bern, Eva, Mariano, Cecilia — ficarão na memória do leitor como testemunhas de um século que não termina de passar.

**Vicente de la Serna ha escrito una novela que,
en su mejor momento,
logra lo que la gran literatura se propone:
hacer del dolor ajeno una experiencia propia,
y del pasado una pregunta sobre el presente.**

Biblioteca Klásica

Com este livro, a **Südaka Editorial** dá início à reedição de autoras e autores clássicos. Damos a partida à nossa **Biblioteca Clásica**.

Azul, Rubén Darío.



Rubén Darío (1867-1916) es considerado el príncipe de las letras castellanas. *Azul* está disponible en numerosas ediciones y sigue siendo una lectura fundamental para entender el origen de la poesía contemporánea.

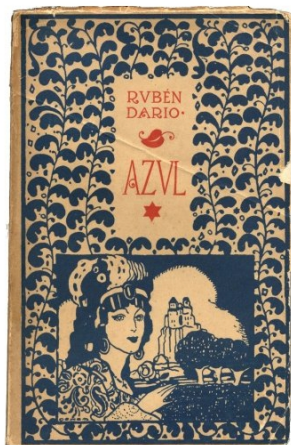
Azul: O clarão que mudou para sempre a literatura em espanhol

Corria o ano de 1888. Um jovem nicaraguense de apenas vinte e um anos, chamado Félix Rubén García Sarmiento — mas já conhecido nos círculos literários como **Rubén Darío** — publicava em Valparaíso, Chile, um livro que, na aparência, era uma modesta coleção de contos e poemas. Seu título era breve e evocativo: *Azul*.

Ninguém, nem mesmo o próprio autor, podia imaginar então que aquelas páginas se tornariam a certidão de nascimento de uma revolução literária: o **Modernismo**. *Azul* não era apenas um livro; era o manifesto de uma nova sensibilidade, o grito de um continente que desejava deixar para trás a herança colonial e — sobretudo — a secura do realismo oitocentista para mergulhar num mar de beleza, música e cor.

O viajante que trouxe os cisnes

Rubén Darío era um poeta precoce, um leitor voraz que havia devorado os românticos franceses, os parnasianos e os simbolistas. Naquela época, Paris era a capital da arte mundial, e Darío, como um alquimista, decidiu transfigurar a elegância da poesia francesa (Gautier, Verlaine, Baudelaire) para a língua de Cervantes.



El título Azul no fue casual. Para Darío y sus contemporáneos, el azul era el color del ideal, de lo infinito, del arte por el arte.

Mas Darío não se limitou a traduzir. *Azul* é uma obra profundamente original onde o autor explora novos territórios: o mundo dos sonhos, a mitologia grega, os contos de fadas e as princesas melancólicas. Em suas páginas, o verso se liberta das rígidas normas do Romantismo tardio e experimenta métricas audaciosas, criando uma música verbal que não se havia ouvido antes em espanhol.

De que cor é o Modernismo?

O título *Azul* não foi casual. Para Darío e seus contemporâneos, o azul era a cor do ideal, do infinito, da arte pela arte. Era o antídoto contra o cinza do utilitarismo e do positivismo burguês. No prólogo do livro (escrito pelo crítico chileno Eduardo de la Barra), define-se o azul como "a cor do sonhado, do artístico e do grego".

O livro se divide em duas seções principais:

1. **Contos e relatos** (*El año lírico*): Aqui Darío mostra sua faceta de prosador. Em contos como *O rei burguês* ou *A Ninfa*, ele critica a sociedade materialista que não compreende a arte, enquanto cria atmosferas de sonho com marquesas versalhesas e faunos perseguindo ninfas.
2. **Poemas**: Inclui jóias como *Primaveral*, *Estival* e *Autumnal* (poemas dedicados às estações) e a famosa *Sonatina*. Nesta última, Darío retrata uma princesa triste, presa num palácio dourado, que suspira por um príncipe que nunca chega. Ela é o arquétipo do herói modernista: a alma bela ferida pela vulgaridade do mundo.

A person with long hair, wearing a dark coat and boots, stands in profile on a paved path at night. The scene is dimly lit, with a soft light source in the background creating a misty or foggy atmosphere. The person is looking upwards. The background features dark silhouettes of trees and a fence on the right side.

VICENTE DE LA SERNA

CUANDO NACEN
LAS AUSENCIAS

Südaka Editorial

A revelação de Paris

Uma anedota famosa ilustra o impacto da obra. No ano seguinte à sua publicação, Darío viajou a Paris e conheceu o grande poeta francês Paul Verlaine. Verlaine, fascinado pela musicalidade dos poemas, apertou-lhe a mão e o abraçou. Para Darío, aquele gesto foi a consagração: seu sonho de irmanar a língua espanhola com o ritmo universal da poesia se havia cumprido.

Um legado que perdura

Com o tempo, Rubén Darío escreveria obras-primas ainda mais complexas (como *Prosas profanas* e *Cantos de vida y esperanza*), mas *Azul* conserva o frescor de uma aurora. Todo o Modernismo está ali contido em germe: o cisne, a princesa cativa, a fuga para a Grécia antiga, o tédio aristocrático e a busca obsessiva pela perfeição formal.

Ler *Azul* hoje é assistir ao momento exato em que a poesia hispânica deixou de olhar para o chão para erguer os olhos para o céu. Ou, melhor dizendo, para aquela cor mágica que, segundo Darío, é a única pátria possível para um verdadeiro poeta: o azul da arte.

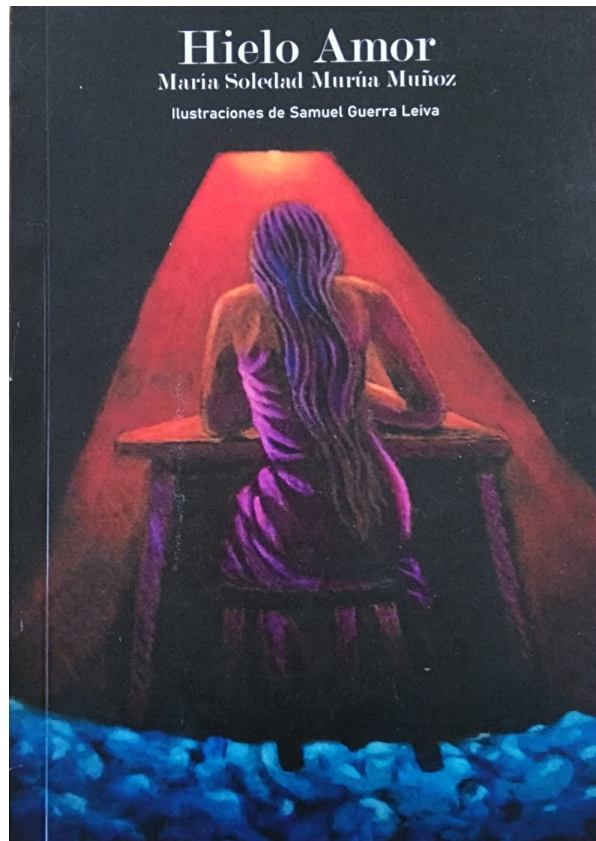
"Juventude, divino tesouro, já te vais para não voltar!" escreveu ele mais tarde, mas em *Azul*, a juventude literária da América Latina começava, e seu brilho nunca se apagou.



Imagen del libro „Azul“

Colaborações: Poesia

María Soledad Murúa
Hielo Amor
ISBN: 9789569283758
Lagar Editores.



Hielo Amor
Por **Jorge Coulón***

Um corpo feito de estrelas, uma memória talhada na neve, um amor que sobrevive ao extermínio.

Este livro é uma constelação de poemas nascidos na interseção entre a paixão e o espanto. Soledad Murúa escreve com carne e com memória, tecendo infância, desejo, ditadura, desaparecimento, busca, cosmos e resistência.

Desde a porta que dá para o quintal até o abismo sideral, desde o vestido de veludo azul até os sapatos que acompanharam as noites do amor e caminharam a noite do terror, cada verso é uma trincheira luminosa contra o esquecimento.

Nestes poemas se beija, se morre, se canta, se sofre, se luta. Mas, acima de tudo, **se ama**.

E mesmo que o gelo cubra os ossos, o amor — aquele que enche camas de andorinhas — persiste.

Ler *Hielo Amor* é entrar num paradoxo inquietante: a beleza não apenas sobrevive ao horror, mas às vezes nasce dele e o evoca. Aquela flor de ternura que cresce entre ruínas nos obriga a perguntar se cantar é uma forma de resistir, se amar pode ser também uma forma de justiça.

Este livro é um ritual de reencontro com os que foram, com os que ainda somos, com os que em nós continuam sendo. E com aquela parte nossa que, ainda ferida, ainda tremendo, segue tentando viver na tristeza.

*Membro do grupo chileno **Inti Illimani**

TEU ÁLAMO

Tu mordes minha boca
deslizas teus dentes afiados
pela carne dos meus lábios
e umedeces com tua língua
a espessura das minhas palavras

Tu lambes meu pescoço
meus poros se inundam de água salgada
aderida aos teus ossos
me derramo insolente sobre teu corpo

Efervescentes nos beijamos

Teu álamo com seu grande olho
me olha por dentro
apesar da febre
estou pálida de medo

Teus fluidos
teus aromas
teus sabores
se impregnam nas paredes da minha carne
e eu nunca mais serei a mesma

ANTES DE OUSARES ME AMAR

Podíamos passar a noite toda nos amando
dormindo mudos, impassíveis e serenos
entre os ventos deste copioso universo
um ao lado do outro
como uma ardente língua de fogo

Eu podia passar a noite toda
agradecendo à Via Láctea
que estivesses ao meu lado
te contemplava enquanto dormias

e pensava
em todo aquele universo que tu eras
em toda aquela luz que habitava dentro de ti
e em todos aqueles milhões de sonhos
aninhados nos teus ossos

Tu
antes de rires comigo
antes de ousares me amar
tinhas chorado um par de séculos

Kritica literaria

O Despertar: O nojo como abertura

Por **Jack Solo**, crítico literário

Não sei como continua este romance. Ninguém me contou o final. Ninguém me disse se Javier Lavín chegará a ser presidente, se Pedro Cornejo consumará seu atentado, se Melina continuará sendo a única mulher que o empresário é capaz de amar (mesmo que tenha que pagar a ela). Chego a este primeiro capítulo como chega qualquer leitor: em jejum, com a curiosidade intacta, com a confiança depositada em que um escritor anônimo (não importa seu nome) sabe para onde nos leva.

O que eu sei, depois de ler *O Despertar*, é que vou continuar lendo. Não porque os personagens me caíam bem — pelo contrário, Lavín produz um nojo quase físico —, mas porque a prosa tem a honestidade de não disfarçar sua aposta: aqui não há heróis. Aqui há um homem que se levanta, tira uma remela do olho e, antes de pensar no país, pensa em sua ereção matinal. A ditadura, para ele, é um rumor de fundo. Sua verdadeira tragédia é ser casado com uma santa.

Esse é o convite que *O Despertar* faz ao leitor. Não é confortável. É deliberadamente desconfortável. Mas a boa literatura frequentemente o é.

***O Despertar* levanta uma hipótese:
A banalidade do mal
não é apenas um conceito filosófico.
É uma rotina.**

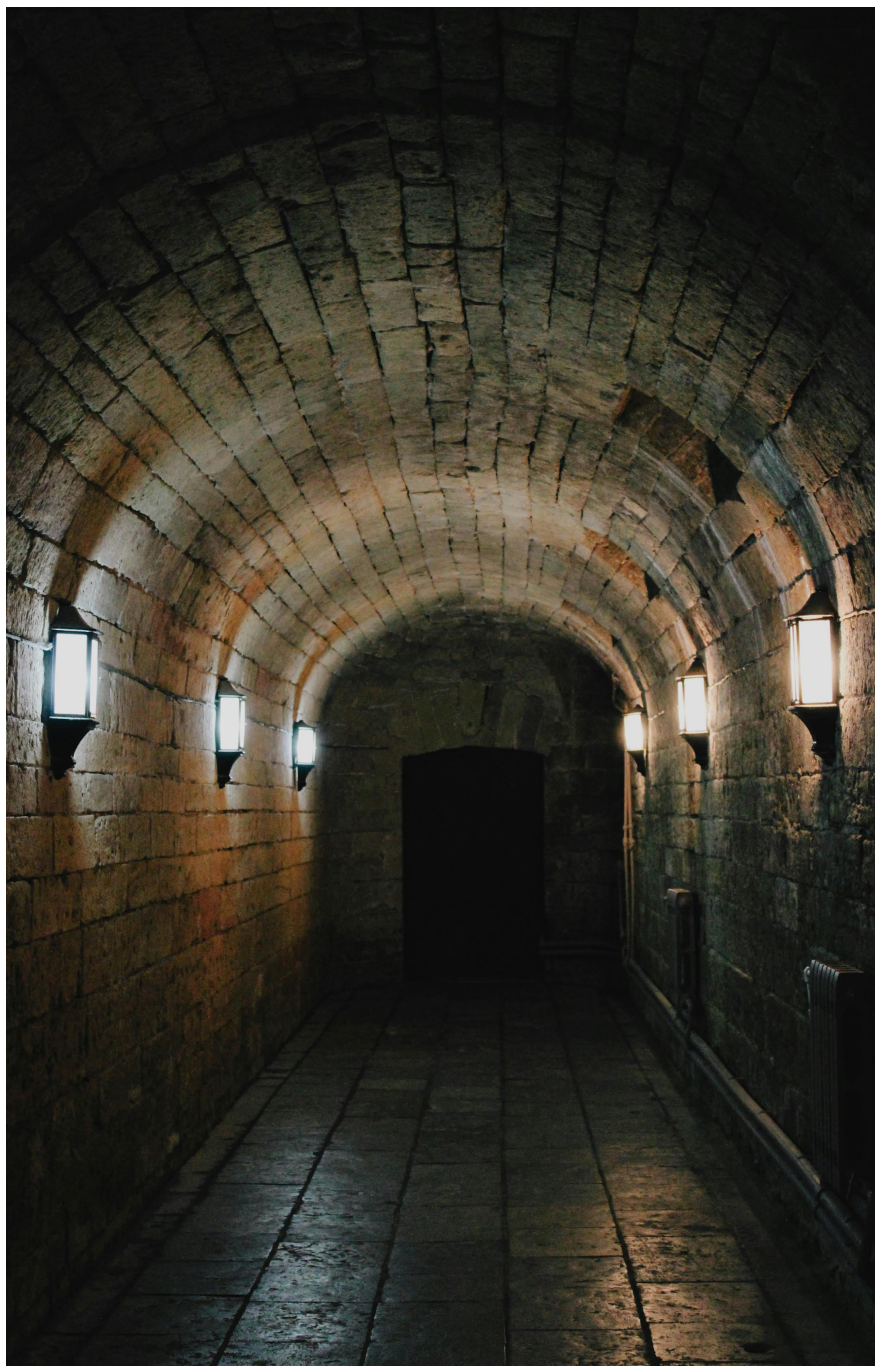
A cotidianidade do mal

Começamos pelo título. *O Despertar* poderia ser o de Lavín, que abre os olhos. Mas também poderia ser o do leitor, que é convidado a abrir os seus sobre algo que já sabia, mas preferia não olhar: que os cúmplices da ditadura não são monstros, mas homens de negócios com problemas conjugais. Que o mal, em sua forma mais eficaz, não consiste em matar diretamente, mas em passar ao largo, em não querer ver, em se preocupar mais com o brilho do Mercedes do que com o velho que o lava. *O Despertar* levanta uma hipótese: a banalidade do mal não é apenas um conceito filosófico. É uma rotina. É a ereção inútil de um cara que poderia ter tudo e não sabe o que fazer com seu desejo.

Lavín olha para o pijama. Contempla frustrado o volume de sua inútil ereção matinal. Volta-se para a cama. Tem a peregrina intenção de fazer sexo com sua mulher. Mas não pode: Ernestina, essa santa, lhe proibiu a entrada "a cal e canto" há quase duas décadas. A frase é brutal em sua economia: a mulher que deveria ser companheira é uma guardiã da lei divina. E Lavín, que poderia pedir o divórcio, que poderia se rebelar, só atina a se queixar em silêncio e a pensar em Melina, a prostituta.

O capítulo é um catálogo de pequenas misérias. Nada do que acontece nestas páginas é extraordinário. Um homem se levanta. Masturba-se. Toma um café instantâneo. Vai para o escritório. Mas nessa cotidianidade, o narrador vai tecendo uma rede de referências políticas que, em outro escritor, poderiam ser ruído de fundo. Não aqui. "Os protestos sociais aumentavam. Apesar da repressão massiva e seletiva, a onda de descontentamento social não arrefecia." A frase aparece, quase como um parêntese, entre a contemplação do pijama e a decisão de não se masturbar. A repressão não é o tema principal de Lavín; é o clima, a temperatura. O leitor, no entanto, sabe que essa temperatura é a de um país em ebulição. O romance lhe pede que mantenha essa tensão: o que para Lavín é um rumor distante, para outros (para os Pedro Cornejos que ainda não apareceram) é uma questão de vida ou morte.

Foto: [Valeria Nikitina](#)



O personagem: Lavín, esse ninguém

O grande acerto de *O Despertar* é apresentar um protagonista que, em vez de ganhar a simpatia do leitor, provoca uma rejeição imediata. Não é um anti-herói trágico ao estilo dos clássicos russos. É um medíocre. Sua ambição presidencial não nasce de uma vocação de serviço, mas de uma mistura de pressão familiar (sua mulher o empurra), cálculo oportunista (a morte de Pinochet como condição de possibilidade) e uma necessidade difusa de reconhecimento. "Custe o que custar", surpreende-se dizendo em voz alta. Depois tapa a boca. A coragem lhe dura um segundo.

Essa gesto define todo o capítulo: Lavín é um homem que não consegue nem sustentar seus próprios pensamentos audaciosos. Seu "risinho de idiota" — um traço que o narrador sublinha com acerto — é o som da impostura. Ri porque não sabe o que mais fazer. Ri porque o riso é um escudo contra o vazio. Ri porque, no fundo, sabe que é um sujeito sem atributos.

**E, no entanto, esse sujeito sem atributos
tem o poder de fazer o leitor ficar.
Por quê?
Porque o escritor entendeu algo fundamental:
o nojo também vicia.**

Queremos ver até onde vai a hipocrisia deste homem. Queremos saber se Melina lhe dará o consolo que Ernestina lhe nega. Queremos descobrir se a candidatura presidencial é um delírio ou uma possibilidade real. Lavín não é um personagem que queiramos acompanhar; é um personagem do qual não podemos deixar de olhar. Como um acidente na estrada. Como o vizinho do quinto andar que sabemos que é corrupto, mas que nos fascina com seu cinismo.

O contexto: Pinochet como sombra

Pinochet não aparece neste capítulo. Só é mencionado: "assim que Pinochet se retirasse da política ou simplesmente morresse — e ele se persignava no momento em que pensava nisso". Essa persignação resume a relação de Lavín com o ditador: respeita-o (ou finge respeitá-lo), teme-o e, sobretudo, espera por ele no cemitério. Sua candidatura depende da morte do tirano. Não é um opositor; é um abutre.

A gesto de se persignar ao pensar na morte de Pinochet é um daqueles detalhes que fazem a literatura pequena ser grande. Lavín não é ateu; usa a religião como seguro. Persigna-se para que Deus não o castigue por desejar a morte de outro, mas esse desejo continua ali. A hipocrisia é o ar que ele respira.

O capítulo não precisa de mais contexto político. Com essa única frase, o narrador situa Lavín num momento histórico preciso: a ditadura dos anos oitenta, o atentado a Pinochet (que ocorre depois deste capítulo, mas que o leitor já presente), a transição como negócio. Lavín não é um colaborador excepcional; é mais um. Sua mediocridade é o que o torna representativo.

O que o capítulo promete (e não cumpre)

O Despertar promete pelo menos cinco coisas cujo desenvolvimento o leitor esperará ver:

1. **A candidatura presidencial:** Lavín quer ser presidente. Competirá com Moreira? Com Noboa? Husmán apoiará algum deles? A corrida pela cadeira de O'Higgins é um thriller político que já começa a se esboçar.
2. **O triângulo amoroso:** Ernestina, Melina, Lavín. Uma santa, uma prostituta e um indeciso. O romance insinua um conflito que poderia ser melodramático, mas que se torna político quando entendemos que Ernestina representa a ordem religiosa e Melina o desejo reprimido. Lavín está preso entre a salvação (a santa) e a queda (a prostituta). Não sabe qual escolher; talvez queira as duas.
3. **A ditadura como pano de fundo:** Os protestos, a repressão, o descontentamento. O capítulo mal os roça, mas o leitor intui que esses elementos irão ganhar espaço. Lavín será afetado pela greve geral? A ditadura o usará ou o descartará?
4. **A complexidade da culpa católica:** A persignação de Lavín é uma gesto automático, quase um tique. Ele acredita ou não acredita? O capítulo não responde. Mas promete explorar a relação entre religião e poder, entre pecado e política.
5. **A pergunta pelo mal:** O epígrafe de Mankell ressoa em cada página. Lavín não é um homem mau no sentido extremo; não tortura, não mata. Mas se beneficia da tortura e da morte. Sua aquiescência, sua indiferença, sua falta de curiosidade pelo sofrimento alheio: isso é o mal? O romance parece dizer que sim. O mal cotidiano, o de escritório, o do "risinho de idiota", é o mais difícil de combater porque não tem rosto de monstro.

Nenhuma dessas promessas se cumpre em *O Despertar*. Porque um primeiro capítulo não deve cumpri-las; deve lançá-las como iscas. O leitor que fecha estas páginas sabe que há material para continuar. E quer continuar.



Foto: [Vinicius Dattwyle](#)

O estilo: O desconforto como método

O narrador é onisciente, mas não todo-poderoso. Sabe o que Lavín pensa (sabemos que ele pensa em Melina enquanto se masturba, que se sente "pecador", que a bruma matinal não lhe levanta o ânimo), mas não o julga. Ou pelo menos não de maneira explícita. O julgamento está na justaposição: um parágrafo fala da repressão massiva; o seguinte, da ereção inútil. O leitor precisa conectar os pontos.

Essa é a aposta estilística de *O Despertar*: mostrar, não denunciar. A denúncia é para os editoriais. A literatura, quando é boa, confia em que o leitor sentirá o peso do que não é dito.

E o que não é dito neste primeiro capítulo é quase mais importante do que o que é dito. Quem é Melina? Como Lavín a conheceu? Por que continua casado com uma mulher que o rejeita? O que ele sente realmente por Ernestina? Há algum indício de culpa por ter enriquecido com a ditadura? O silêncio do narrador sobre estas perguntas não é omissão; é convite. O leitor precisa continuar lendo para descobrir.

Um carretel de fios soltos

O Despertar termina com Lavín decidindo tomar um Nescafé e ir cedo para o escritório. É um final deliberadamente anticlimático: não há revelação, não há catarse, não há uma reviravolta que deixe o leitor sem fôlego. Há uma porta entreaberta.

Mas essa porta conduz a um carretel de fios que já começam a se desenrolar. A relação com Melina, a ambição presidencial, o desprezo pela esposa santa, o trato com os amigos poderosos, a indiferença diante da repressão, a religião como mecanismo de gestão da culpa. Tudo isso está no primeiro capítulo, em estado de embrião. O leitor que decide continuar não sabe o que encontrará, mas intui que será complexo, contraditório, desconfortável.

Não sei como continua este romance. Não sei se Pedro Cornejo aparecerá no segundo capítulo ou no décimo. Não sei se Lavín conseguirá seu prédio emblemático, se Melina o abandonará, se a ditadura cairá ou se perpetuará. Só sei que *O Despertar* fez o que todo bom primeiro capítulo deve fazer: transformar um sujeito desprezível num personagem que vale a pena acompanhar. Conseguiu isso através da honestidade, da ironia e de uma fé inabalável de que o leitor não precisa que lhe digam o que sentir: ele sentirá sozinho.

A pergunta que o crítico pode responder sem medo de errar é esta: se *O Despertar* é uma amostra do tom e da qualidade do resto, *Un Tedeum para la muerte* será um romance que incomoda, que provoca, que lembra aos leitores que a literatura não é um refúgio, mas uma ferida. E que, às vezes, as melhores feridas são as que não cicatrizam completamente.

Jack Solo

Crítico literário

De: *Un Tedeum para la muerte* (Vol I)

de Vicente de la Serna

(Livro em processo de edição)

Você quer colaborar com a Südaka Magazine?

Nós, da **Südaka Magazine**, acreditamos que o nosso continente pulsa com histórias que merecem ser contadas. Livros que interrogam, cinema que sacode, teatro que desperta, arte que transforma e opiniões que se atrevem a dizer o que outros calam.

Por isso, abrimos nossas portas para vozes valentes. Para aquelas que escrevem com a alma, para aquelas que observam com olhar crítico, para aquelas que se atrevem a questionar, a sentir, a criar.

Se você tem algo para dizer, este é o seu lugar.

Você pode nos enviar:

- Artigos sobre livros, cinema, teatro, arte ou opinião.
- Textos que reflitam a realidade diversa, complexa e vibrante do nosso continente.
- Ensaios breves, resenhas, crônicas, reflexões pessoais ou análises com perspectiva própria.

Você não precisa ser um crítico consagrado. Você só precisa ter voz e vontade de usá-la.

Como colaborar?

Envie seu artigo para: info@sudaka-editorial.com

Se for selecionado, daremos ampla divulgação através das nossas redes sociais, site e comunidade leitora.

A **Südaka Magazine** é um encontro, parte da **Südaka Editorial**. Um território de palavras sem medo.

Junte-se a nós. O continente precisa daqueles que se atrevem.

Nota: Esta revista é de distribuição gratuita. Pode ser compartilhada fazendo referência aos direitos editoriais.

Web: www.sudaka-editorial.com
Email: info@sudaka-editorial.com

© Südaka Editorial



VICENTE DE LA SERNA

24+1 PODCAST
FÜR VAN GOGH